

IMAGENS REPRESENTATIVAS DO CANGACEIRO NAS MÚSICAS DO “REI DO BAIÃO” (1940 - 1960)

Francisca da Silva Soares*

Este artigo traz uma das abordagens que está sendo desenvolvida no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tem como objetivo mostrar as múltiplas representações construídas acerca dos cangaceiros, como ele é retratado nas canções, contextualizando os aspectos político, social, econômico e cultural da época. A partir da análise das letras de músicas de Luiz Gonzaga da Silva, tomando como recorte temporal as canções da década de 1950 e 1960, principalmente a de 1950. Luiz Gonzaga foi um nordestino que fez sucesso com suas músicas que falavam da região Nordeste e do sertão brasileiro. Suas músicas retratavam a região e a cultura do povo nordestino, seus hábitos, costumes e práticas. Os cangaceiros, tipo nordestino¹, foram figuras atuantes e fortes na história de sua época, que com seus hábitos ficaram registrados na memória da cultura nordestina. Os tipos nordestinos são todos aqueles indivíduos que estão inseridos ou comportam a região Nordeste.

Antes de analisarmos as letras das canções, faremos uma breve discussão sobre Luiz Gonzaga e seus parceiros de composição que aparecerão nas músicas que estão sendo trabalhadas na minha pesquisa monográfica.

Luiz Gonzaga foi um cantor e compositor que fez sucesso cantando em programas de rádio e TV na década de 40,50 e 60. Nasceu na fazenda Caiçara, município de Exu, Pernambuco, em 13 de dezembro de 1912. Segundo (DREYFUS, 1996) apesar de ser nordestino Gonzaga começou a fazer sucesso no Rio de Janeiro e São Paulo.

José Marcolino poeta e compositor foi um dos parceiros de Gonzaga, suas canções fizeram sucesso na carreira dos cantores. Nasceu no Sítio Várzea Paraíba, município de Sumé, Paraíba. Inspirado pelo tema da região Nordeste, suas músicas falavam do cariri e dos povos que habitavam a região, essa influência vinha do seu pai que era cearense. Segundo Dreyfus (1996), José Marcolino mandava várias cartas para Gonzaga, mas nunca recebia respostas. Foi

* Aluna do Curso de Licenciatura em História, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Campus de Cajazeiras, PB. E-mail: francyscca@hotmail.com.

¹ Sobre tipo nordestino, ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, NORDESTINO: UMA INVENÇÃO DO “FALO”: uma história do gênero masculino no Brasil (1920-1970), Campina Grande, 2000 (Bolsa de produtividade em pesquisa).

em uma turnê à Paraíba, na cidade de Sumé, que Gonzaga conheceu Marcolino. Marcolino conversou com o Rei e foi convidado para acompanhá-lo para uma turnê no Rio de Janeiro. Dreyfus afirma que Gonzaga gostava de viajar em excursões e turnês pelo Brasil, e que era nessas viagens que ele conhecia seus parceiros. A autora ainda afirma que o mesmo não durava muito tempo com um parceiro, gostava era de conhecer novas pessoas, novas músicas. Gonzaga em parceria com Marcolino gravaram mais de 50 músicas, fizeram sucessos.

José de Souza Dantas Filho, conhecido por Zé Dantas, foi um compositor, poeta e folclorista nordestino, se formou em medicina para atender os desejos do seu pai, mas segundo Dreyfus (1996) o que ele queria era ser cantor. Nasceu em fevereiro de 1921 em Carnaúba, distrito de Pajeú das Flores, interior de Pernambuco. Zé Dantas conheceu Gonzaga em 1950, na primeira viagem que o “rei do baião” fazia a sua terra natal. Os dois conversaram e se tornaram parceiros na época em que Gonzaga rompia com seu primeiro parceiro de composições Humberto Teixeira.

Juntos, os dois pernambucanos escreveriam uma verdadeira ‘antologia do Nordeste’, a partir da década de 50, Gonzaga sentiu necessidade de aprofundar o compromisso com a música da sua terra e criar um conjunto cujas raízes estariam no Nordeste. Com banda própria, teria o domínio completo do seu trabalho, começou a imaginar nova instrumentação, capaz de interpretar plenamente o baião, realçando-lhe as características, salientando-lhe o sabor. E foi lembrando os instrumentos tradicionais da música do Nordeste que constituiu o conjunto que melhor traduziu a alma de sua música (DREYFUS, 1996, p.150).

Hervê Cordovil, outro parceiro de Gonzaga nasceu na cidade de Viçosa, Minas Gerais, foi advogado e compositor. Em parceria com Gonzaga Cordovil compôs a música “Xaxado”, que será analisada na minha pesquisa monográfica, outras músicas foram feitas por esses parceiros, como “A vida do viajante”, “Baião da Garoa”. Gonzaga e seus parceiros produziram músicas que falavam do Nordeste, por isso uma discussão sobre o que viria ser a região Nordeste impôs-se.

Nordeste como região, como espaço geográfico, delimitado como fronteira regional foi construído nos anos de 1919 pelos discursos das elites políticas brasileiras para a criação da Inspeção das Obras Contra as Secas. A partir de então os habitantes dessa região passariam a ser chamados de nordestinos. Sendo assim foram incorporados os “sertanejos, brejeiros, praieiros, tipos regionais que, como veremos, serão paulatinamente incorporados à figura do nordestino”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000). Outras figuras foram sendo incorporadas no decorrer dos anos de 1920 e 1930 aos tipos nordestinos, dentre eles podemos

citar o cangaceiro, o vaqueiro, o matuto, o caboclo, a mulher macho, o cabra da peste, valente, enfim nessa região, a partir da união de todos esses tipos, foi-se construindo uma identidade do nordestino.

Neste texto é o cangaceiro que será analisado através das músicas de Luiz Gonzaga das décadas de 50 e 60 do século XX. Segundo Durval Muniz (2000) a própria situação do meio geográfico, a natureza do sertão e o meio social caracterizou o ser cangaceiro, um tipo criminoso, anti-social, um sertanejo macho, forte, e violento. Os cangaceiros seriam figuras sociais a serem incorporados à figura do nordestino. Afirma, ainda, que:

Os cangaceiros seriam, pois, organizações psíquicas enfermiças, aterrorizando com os seus crimes os sertões do Nordeste. A ausência de comunicações, a falta de um policiamento, a justiça mal distribuída, os costumes políticos de aldeia, o mandonismo que se traduz no amparo dos chefes locais são circunstâncias que originaram esses bandoleiros. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000).

E foi neste período histórico dos anos 1950-60 que o Brasil se firma como país industrializado, modernizado e urbanizado. Esse processo se deu a partir das políticas desenvolvimentistas projetadas pela política nacionalista e populista, iniciada nos anos de 1930 no governo de Getúlio Vargas e perpetuando pelas décadas de 50 e 60.

Os políticos brasileiros dos anos 50 discutiam sobre o desenvolvimento do país, para isso procuravam resolver os problemas sociais e o atraso econômico e cultural. A industrialização realizada durante os anos 50 trouxe consigo a modernização do Brasil caberia, então, à burguesia a responsabilidade pelo desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Segundo (RODRIGUES, 2003), os nacionalistas e os comunistas defendiam o antiimperialismo e o fim do latifúndio, e quanto ao capital nacional não fosse subordinado ao capital internacional. Pois acreditavam que para o Brasil se desenvolver era preciso que sua economia fosse livre das potências imperialistas e que acabasse com os grandes proprietários de terras, nesse sentido o Brasil investia em indústrias saindo de um Brasil agrário.

O nacionalismo assume a característica de um projeto que daria à fração industrial da burguesia que, acreditava-se não estava comprometida com o capital estrangeiro possibilidades de tornar-se o grupo dirigente do Estado, grupo esse que se responsabilizaria pelo desenvolvimento do capitalismo brasileiro (RODRIGUES, 2003, p. 21)

A partir a década de 50 o Brasil começa a se modernizar com a chegada da televisão, segundo Rodrigues (2003) por iniciativa de Assis Chateaubriand, proprietário de uma cadeia

de rádios e jornais. “Esta é a época em que o avanço dos meios de comunicação de massa – imprensa, rádio, TV e cinema – marca o início da indústria cultural no Brasil”. (RODRIGUES, 2003, p.35).

Nos anos de 1950 as principais cidades brasileiras São Paulo e Rio de Janeiro receberam várias indústrias, isso levou a migração de pessoas do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida e o processo de urbanização. Muitos nordestinos migraram para São Paulo em busca de empregos. Um exemplo é a indústria automobilística que se instala em São Paulo por volta dos anos 1953.

São Paulo na década de 50 reforçou sua posição de ‘maior parque industrial da América Latina’. Novas indústrias instalaram-se longo de modernas estradas de rodagem, principalmente da Via Anchieta e da Via Dutra, e, com as já instaladas ao longo das ferrovias em períodos anteriores, formaram um cinturão industrial em torno da cidade. (RODRIGUES, 2003, p. 32).

Durante a década de 50 e 60 o Brasil passa a viver um momento de desenvolvimento econômico e industrial, com a criação da Petrobrás e da Eletrobrás, com a instalação de indústrias nas grandes cidades do país, e a modernização com a chegada de rádios, imprensa, TV e construções de rodovias, ferrovias e construções civis, urbanização com o aumento acelerado da população e cultural com chegada do cinema, teatro, músicas, artistas e intelectuais. Nesse período houve uma mudança de pensamentos, comportamentos e valores por parte das elites empresariais e políticos nacionalistas. Segundo a autora (RODRIGUES, 2003) a década de 50 prenunciou as mudanças de comportamentos e valores que irão marcar os anos de 60. Um exemplo desse desenvolvimento e progresso é a inauguração da capital da República, Brasília, em 1960.

Foi a partir da política desenvolvimentista e nacionalista que o Nordeste como identidade regional passa a fazer parte dos discursos das elites políticas brasileira. Nordeste aparece não só nos discursos políticos como nas músicas, na literatura com os cordelistas, no teatro e cinema, na televisão e programas de rádio, etc. Neste texto trabalhei com as músicas de Luiz Gonzaga para analisar o tipo nordestino que essa região Nordeste o comporta, os cangaceiros. Para analisarmos as imagens representativas dos cangaceiros nas canções foi-se necessária uma discussão sobre o lugar de origem e atuação desses cangaceiros, não dar pra falar do nordestino sem primeiro falar do Nordeste.

Xaxado (1952)
Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil

Xaxado é dança macha
Dos cabras de Lampião
Xaxá , xaxá, xaxado
Vem lá do Sertão (2x)

Xaxado, meu bem, xaxado
Xaxado vem do Sertão
É dança dos cangaceiros
Dos cabras de Lampião (2x)

Quando eu entro no xaxado
Ai meu Deus,
Eu num paro não
Xaxado é dança macha, ô
Primo do baião. (2x)

Na letra da música “Xaxado” de Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil, os cangaceiros aparecem como cabras macho que dançam o xaxado, dança típica do Sertão adotado pelos cangaceiros para se divertirem nas horas vagas, nas horas de diversões ou mostrar uma vitória quando entravam em vilas, povoados ou cidades comemoravam dançando e cantando muita das vezes se reuniam para festejar um triunfo sobre determinados povos ou regiões.

‘xaxado’, dança típica do folclore nordestino, não se tenciona representar puramente o tipo característico do homem armado e fora da Lei, mas um tipo do Nordeste, já do passado, que marcou uma época na história política daquela região brasileira e se constituiu, em todas as épocas, fonte inesgotável de estudo e pesquisa”. (BURITY, 1975)

Palavras de Tarcísio Miranda Burity, secretário de Educação e Cultura do Estado da Paraíba no governo de Ivan Bichara Sobreira no ano de 1975.

Segundo, Dalvanira de França Gadelha Fontes (1975), “o xaxado é uma dança originária dos sertões nordestinos divulgada pelo cangaceiro Lampião e os cabras do seu “bando”. (O xaxado, grupo folclórico da Paraíba, criado pela professora Dalvanira em 10 de maio de 1973).

A música nos passa a imagem de um cangaceiro feliz, homem do Sertão dançando e “xaxando” a dança dos nordestinos.

Cabra da Peste

Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1955)

Eita! Sertão do Nordeste
Terra de cabra da peste
Só sertanejo arrizéste
Ano de seca e verão
Toda dureza do chão
Faz também duro
O homem que vive no Sertão
Tem cangaceiro
Mas tem romeiro
Gente ruim, gente boa
Cabra bom, cabra à toa
Valentão, sem controle
Só não dá cabra mole
Tem cangaceiro
Mas tem romeiro
Lá o caboclo mais fraco, é vaqueiro
Eita! Sertão! Eita! Nordeste!
Eita! Sertão!
Ei, rê, rê, rê, rê, ta!
Cabra da peste. (BARBOSA, 2007, 248p.)

Segundo a música acima o Nordeste é terra de cabra da peste; cabra quer dizer homem, peste valente, perigoso, forte; e Sertão, sub-região do Nordeste brasileiro terra de chão duro, seco, lugar que mora gente boa e gente ruim. O autor mostra a figura do cangaceiro como homem forte desbravador por habitar uma região como o Sertão um lugar seco, que não tinha políticas públicas para o desenvolvimento da mesma. Só a partir dos anos 50 é que as questões e os problemas das secas no Nordeste passam a fazer parte dos discursos políticos. Lugar que quem fazia parte da ordem social eram os grandes proprietários de terras e coronéis, o habitante do interior não tinha lugar na sociedade por não ter status social, isso fez com que o homem se tornasse cangaceiro. A música tem como compositores dois pernambucanos Luiz Gonzaga e Zé Dantas como conhecedores e habitantes do Sertão nordestino falam de um Sertão seco e de seus habitantes entre eles o cangaceiro, o sertanejo, o caboclo, o romeiro, o vaqueiro, o cabra forte e valente, o cabra bom, esses são os representantes que habitam o Sertão nordestino.

Olha a pisada (1954)
Luiz Gonzaga e Zé Dantas

Ôo mulé rendeira
Ôo mulé rendá
Chorô por mim num fica
Soluçô, vai no borná

Assim era que cantava
Os cabras de Lampião
Dançando e xaxando
Nos forró do Sertão
Entrando numa cidade
Ao sair de um povoado
Cantando a rendêra
Se danavam no xaxado
Eu que me criei
Na pisada
Vendo os cangaceiros
Na pisada
Danço com sucesso
Na pisada de Lampião

Olha a pisada, Tum, Tum, Tum
Olha a pisada, Tum, Tum, Tum (2x)

Em Pernambuco ele nasceu
Lá no Sergipe ele morreu
O seu reinado a ninguém deu
Mas o xaxado tem
Que ser meu, tem
Tem que ser meu
Tem que ser meu

Olha a pisada, Tum, Tum, Tum
Olha a pisada, Tum, Tum, Tum
Olha a pisada de Lampião.

Na letra da música acima “Olha a pisada” trata de uma música que era cantada e dançada pelos cangaceiros do bando de Lampião nos forrós do Sertão. A mesma mostra que esses cangaceiros cantavam e dançavam também ao saírem de um povoado, vila ou cidade. Seria como forma de debochar ou ao mesmo tempo comemorar a entrada e saída de uma determinada região.

A canção fala ainda da história de Lampião ao retratar que nasceu em Pernambuco e morreu em Sergipe. O cangaceiro aparece como homem forte do Sertão e ao compará-la a canção “cabra da peste” produzida um ano anterior não se fala em seca.

No Piancó (1962)
Luiz Gonzaga e José Marcolino

Você não pensa
Que é só no Moxotó
Que tem cabra extravagante
Ele não está só
Vou lhe provar
Que também no meu Estado
Tem sujeito viciado
Como tem no Piancó
Se atirar pra burro brabo
Segurar no mocotó

Dá nó em cobra
Isso lá é brincadeira
Vi cabra pegar peixeixa
Dela retalhar-lhe a mão
Montar em touro
Amansar botar a canga
Vi um cabra de Pitanga
Fazer isso em conceição
Lá viveu o Clementino
Que brigou com Lampião

Lá tem morena, tem
Que tem sorriso também
Que indo lá um alguém
È de ficar e chorar
Morena que a natureza
Lhe confiou a beleza
No Piancó
Quem vai lá
Não quer voltar.

A letra dessa música “no Piancó” mostra que o tipo nordestino cangaceiro foi desafiado por um homem habitante de Conceição, região do Sertão paraibano. Na canção, Marcolino mostra ao “rei do Baião” que na Paraíba tem cabra valente e forte assim como tem em Pernambuco. A canção fala mais da Região de Piancó e seus habitantes, o cangaceiro é retratado na mesma como um homem não tanto forte, pois alguém de Conceição teve o atrevimento de brigar com Lampião. Segundo Dreyfus Marcolino nas suas músicas retratava o Nordeste e Sertão de Piancó, o cangaceiro aparece nesta canção como um tipo nordestino, forte valente e extravagante.

Este artigo teve como finalidade trazer uma das abordagens que está sendo desenvolvida na minha pesquisa monográfica para apresentação do Trabalho de Conclusão de

Curso (TCC). Utilizo como fonte, as letras de músicas de Luiz Gonzaga da década de 50 e 60 para analisar como a imagem do cangaceiro é construída nessas canções. Para isso foi-se necessário contextualizar os aspectos social, político, econômico e cultural do momento histórico dos anos 50 e 60 do século XX e trazer uma discussão sobre a região Nordeste para podermos trabalhar a questão específica, as imagens representativas construídas nas músicas do “Rei do baião” e seus parceiros de composição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “A invenção de um macho”. Nordestino: uma invenção do “falo”: uma história de gênero masculino no Brasil (1920-1970). Campina Grande, 2000;

BARBOSA, José Marcelo Leal. Apêndice 4: Letras de canções que Luiz Gonzaga gravou. In: **Luiz Gonzaga: suas canções e seguidores**. Teresina: Halley, 2007. pp. 158-347;

RODRIGUES, Marly. **A década de 50n**: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Editora ática, 2003.85p.

<http://www.cuca.org.br/site/regiao-do-cariri/aspectos-gerais.php> Acesso em 23 de outubro de 2011 às 18h37min